

Fortalecimento do feminismo e da agroecologia: ações de pesquisa e extensão com mulheres do quilombo Murumurutuba, Santarém, Pará.
Environment, knowledge and actions: research and extension actions with women from Quilombo Murumurutuba, Santarém, Pará.

SANTOS, Jociane Pereira dos¹; SOUZA, Karine dos Santos²; SIVIERO, Ana Cláudia³; FERNANDES, Cidia Aben-Athar Bentes⁴; LUSTOSA, Denise Castro⁵; ALVES, Helionora da Silva

¹ Graduanda em Agronomia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), jociane.ps13@gmail.com; ² Graduanda em Agronomia na Ufopa, souzakarinne01@gmail.com; ³ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociedade Ambiente e Qualidade de Vida (PPGSaq), Ufopa, anaclaudia.agro@hotmail.com; ⁴ Mestranda no PPGSaQ/Ufopa, arq.abenathar@gmail.com; ⁵ Instituto de Biodiversidade de Florestas (Ibef), PPGSaQ, Ufopa, helionora.alves@ufopa.edu.br; ⁶ Ibef, PPGSaQ, Ufopa, denise.lustosa@ufopa.edu.br

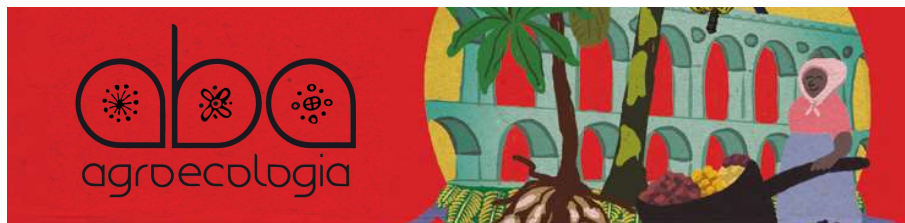
RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, feminismos e Diversidades na construção agroecológica

Resumo: Neste texto apresentaremos algumas ações de um projeto de pesquisa e extensão universitária, que teve por objetivo contribuir com o fortalecimento do papel das mulheres do Quilombo Murumurutuba em Santarém, Pará, na agricultura e na economia da família. Foram utilizadas metodologias participativas, para as ações de extensão realizou-se oficinas formativas sobre agroecologia e produção orgânica e monitoramento por meio de visitas técnicas aos espaços produtivos das mulheres, quanto a pesquisa foi aplicado um questionário socioeconômico. Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados de forma descritiva textual. As oficinas subsidiaram com conhecimentos sobre produção orgânica e certificação de produtos orgânicos. O projeto tem demonstrado relevância para as mulheres da comunidade que estão à frente da produção ou ajudando seus companheiros a produzir.
Palavras-chave: comunidade quilombola; gênero; agricultura familiar; amazônia.

Introdução

A agroecologia contribui para elucidar o papel político e produtivo das mulheres rurais ao reconhecer seu trabalho e saberes, ajudando a alterar condições de vida e relações sociais (HENN, 2013). De acordo com Viera et al. (2013) as atividades desenvolvidas por mulheres não são consideradas trabalho, e sim como apenas ajuda, mesmo quando são idênticas àquelas realizadas por homens, o que vem sendo confirmando por inúmeros estudos existentes sobre agricultores familiares e que indicam uma divisão sexual bem definida sobre a invisibilidade do trabalho da mulher. Portanto, o empoderamento das mulheres a partir de sua conscientização sobre a situação em que estão inseridas, é essencial, no sentido de se estabelecer um processo de formação de uma consciência crítica em relação aos fenômenos de sua realidade e para isso é importante uma transformação social por meio do



desenvolvimento coletivo de uma consciência crítica sobre o real (DAMO; MOURA; CRUZ, 2011).

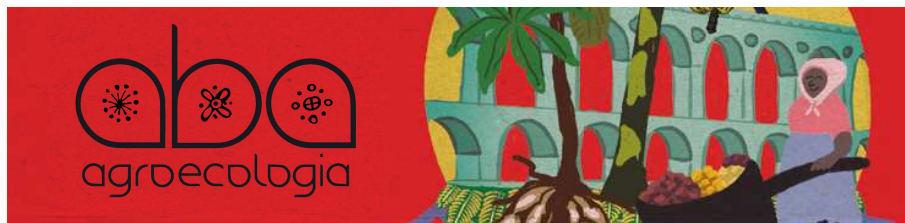
Sendo assim, destaca-se que a Caderneta Agroecológica, uma ferramenta utilizada por agricultoras para monitorar a renda a partir do trabalho por elas protagonizado, onde registram os produtos que foram doados, trocados, vendidos e consumidos. Além de conhecerem e se apropriarem da renda, antes invisível, as agricultoras se empoderam sobre as ações e importância do seu trabalho na produção para o autoconsumo, fundamental para a segurança alimentar e economia da família (CARDOSO; SCHOTTZ, 2009). Portanto, a utilização dessa ferramenta junto com a realização de atividades de formação sobre práticas que estejam relacionadas com a agroecologia com mulheres que vivem em comunidades quilombolas são importantes no sentido de contribuir com o empoderamento e reconhecimento dessas mulheres, dessa forma, o objetivo das ações de pesquisa e extensão do projeto aqui apresentado, foi contribuir com o fortalecimento do papel das mulheres do Quilombo Murumurutuba em Santarém, Pará, na agricultura e na economia da família.

Metodologia

As ações de pesquisa e extensão universitária apresentadas neste texto foram realizadas com mulheres quilombolas, agricultoras, da Comunidade Murumurutuba, localizada no município de Santarém, Pará. Quanto à pesquisa se caracterizou como um estudo qualitativo, em que a relação das mulheres com o ambiente natural, social e cultural, foi a fonte direta de dados e os dados obtidos foram predominantemente descritivos (CAMPOLIN, 2005). Para o desenvolvimento das ações de extensão, pautou-se em metodologias participativas apresentadas por Alves et al. (2018) a partir do uso da Caderneta Agroecológica para acompanhar quintais produtivos sob o cuidado de mulheres rurais no Brasil, no qual, lançou-se mão de algumas ferramentas apresentadas na publicação mencionada, assim, foram realizadas oficinas formativas sobre agroecologia, produção orgânica, processo de certificação de produtos orgânicos, uso das cadernetas agroecológicas e artesanato com produtos recicláveis. A caderneta agroecológica é um caderno de anotação para as mulheres registrarem sua produtividade, com colunas que ajudam a identificar, quantificar e monetizar o que é consumido, doado, trocado e vendido (CARDOSO et al., 2019). Também foi realizada a observação participante e realização de entrevista semiestruturada, com aplicação de um questionário socioeconômico e a análise dos dados seguiu um processo indutivo de forma descritiva textual conforme Campolin (2005).

Resultados e Discussão

Dentre as atividades realizadas iniciamos com uma reunião de mobilização como estratégia para aproximar mais as mulheres com o projeto que contribuiu também para que elas planejassem novas ações e com isso, houve grande motivação para fortalecer o grupo de mulheres negras dentro do quilombo. A partir dessa mobilização foi sugerido que fosse realizada uma feira das mulheres em alusão ao

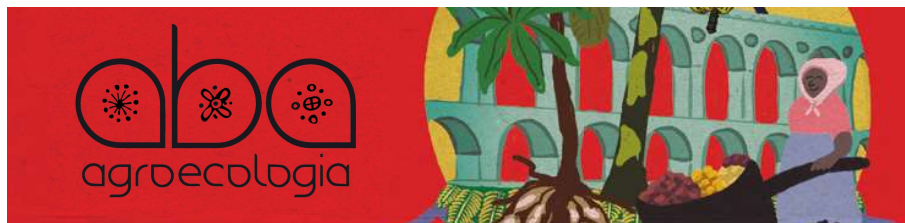


dia da consciência negra que se aproximava, no qual, elas se dividiram para produção dos alimentos e artesanatos que foram expostos e comercializados na feira.

As oficinas participativas sobre materiais recicláveis e cultivo de hortaliças possibilitaram novos aprendizados por meio da elaboração de artesanatos, produção de canteiros e mudas de hortaliças que posteriormente foram cultivadas e comercializadas entre os moradores, destaca-se ainda, que a confecção de artesanato contribuiu como momento de descontração. A oficina sobre a caderneta agroecológica foi um momento para realizar a apresentação da caderneta para as mulheres e explicar a forma de preenchimento, bem como também ressaltar a importância de elas conhecerem e se apropriarem sobre o que produzem, para valorizarem seu trabalho e os espaços no qual estão inseridas. Nesse sentido, no primeiro contato com as cadernetas muitas disseram que não teriam o que anotar, pois, na percepção de algumas delas, a grande variedade de produtos que produzem, não é o suficiente para se reconhecerem como produtoras e com isso reforçam a invisibilidade dos trabalhos realizados por elas. Porém, nas falas das mulheres que fazem parte da liderança e dos movimentos sociais da comunidade, percebemos a valorização de tudo que é desenvolvido por elas e o reconhecimento de sua importância dentro do quilombo.

Após a apresentação da caderneta foi realizado a aplicação do questionário sócio econômico com nove mulheres que aceitaram participar da pesquisa e do preenchimento das cadernetas. Com os dados socioeconômicos, identificou-se que a maioria se insere em família nuclear, o ensino fundamental predomina, porém, duas finalizaram o ensino médio e uma tem superior incompleto. Não há documentação oficial de posse da terra, e por ser um território quilombola, aguardam a titulação coletiva, bem como o Cadastro Ambiental Rural (CAR) que também será coletivo e está em processo de regularização. A Declaração de Aptidão ao Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) em sua maioria se encontra registrada no nome do casal. Quanto à denominação da propriedade geralmente são sítio ou vila, sendo que na comunidade as propriedades são identificadas por vila que recebem nomeação pelo sobrenome da família.

A divisão das áreas onde as famílias se estabelecem é realizada pelos pais ainda em vida. Nesses espaços encontra-se a residência, os roçados, e os quintais, sendo que nestes últimos, é cultivado açaí, diversos tipos de frutíferas, é realizada a criação de animais de pequeno porte, produção de hortaliças, de plantas medicinais, e além disso, são utilizados como espaços para cultivo de plantas ornamentais e produção de artesanatos. Geralmente são espaços predominantemente geridos e identificados pela mulher que é quem passa a maior parte do tempo em casa e por isso são elas que cuidam da casa e dos quintais. O acesso aos bens naturais é feito na mata e no rio. A maioria das políticas públicas não são conhecidas pelas mulheres, isso demonstra que além de criar políticas públicas é necessário também possibilitar o acesso e conhecimento a elas. As agricultoras relataram que compram no mercado o que não produzem em seus quintais, como: café, arroz, feijão, açúcar,



frango, carne, biscoito, leite e produtos de limpeza. Algumas agricultoras cultivam suas próprias hortaliças e criam galinha para o consumo. As principais fontes de renda são: salário do marido, bolsa família, artesanato, produção animal e agricultura. Através da pesquisa foi possível perceber que as mulheres têm participação ativa nos espaços de organização coletiva existentes dentro e fora do quilombo.

No projeto também foram realizadas ações de extensão como oficinas sobre Organização de Controle Social (OCS) que é um mecanismo de controle para garantia da qualidade orgânica sem certificação, a partir de sistemas participativos de certificação orgânica, no qual, exclusivamente agricultores familiares é que formam as OCS, é eles mesmos garantem a qualidade do produto, pois, devem possibilitar que pessoas da sociedade como por exemplo consumidores, representantes de cooperativas e outros realizem visitas as propriedades para observarem a produção orgânica, e os produtos da produção orgânica nesse modelo produtivo apenas podem ser comercializados por venda direta, como também os agricultores podem participar de programas como Programa Nacional de Alimentação Escolar e do Programa de Aquisição de Alimentos (MOREIRA; BÉCKER, 2018). Nos encontros com as mulheres quilombolas da Comunidade Murumututuba, elas puderam conhecer quais são os documentos necessários para organizar uma OCS de acordo com as normativas pertinentes à produção orgânica, assim como praticar o preenchimento dos mesmos. O processo de formalização da produção orgânica, é mais uma estratégia para o fortalecimento do grupo de mulheres, visto que a equidade de gênero e geração é o sexto princípio dos sistemas participativos de garantia e organização de controle social. O sistema promove ações que busquem garantir reconhecimento, valorização e visibilidade das mulheres, além disso, estimula iniciativas de inclusão social, política, produtiva e econômica com respeito entre as gerações.

Outra ação de extensão realizada foram as oficinas para orientação e preparo de canteiros, lançando-se mão de materiais oriundos da própria comunidade e sobre fertilização orgânica, no qual, as mulheres do coletivo estão desenvolvendo as práticas nas suas residências, utilizando os conhecimentos trabalhados nas oficinas em suas hortas, além disso, houve o fortalecimento do laço entre essas mulheres, que estão desenvolvendo o hábito de anotar sobre sua produção nas cadernetas agroecológicas, além de se reunirem mensalmente, sendo que em cada mês a reunião ocorre em uma unidade produtiva diferente, permitindo um rodízio para partilha de conhecimento, saberes e experiências entre essas mulheres, além de já cumprirem as normativas em que cada uma atua como fiscal na propriedade da outra.

Como destacado por Freire (1980) é importante que no processo de conscientização, que os sujeitos se reconheçam no mundo e com o mundo, havendo a possibilidade de que, na transformação do mundo, transformem a si mesmos. Nesse sentido, as agricultoras e extrativistas amazônidas possuem espaços produtivos geridos por elas, o quais são geralmente invisibilizados e



desvalorizados. Esse contexto também ocorre em comunidades negras, remanescentes de quilombos, no Baixo Amazonas, no Estado do Pará, além disso, essas comunidades tem uma história marcada por conflitos e resistências, marcadas por experiências sociais e vivências dos afro-amazônidas, descendentes desses negros que constituíram os seus espaços na região amazônica, no qual, em um primeiro momento, o enfrentamento visava construir a liberdade, rompendo com a escravidão, hoje, a luta se coloca no sentido de libertar a terra para continuarem a ser livres e assegurarem o direito à cidadania (FUNES, 2006).

Alves e Sousa (2019) apresentaram em sua pesquisa uma discussão sobre a construção da identidade quilombola em Santarém, Pará, no qual, esta é uma problemática que se impõe entre a perspectiva de um “progresso” e a luta pelo reconhecimento de direitos das comunidades quilombolas que vivem no local e analisaram a reconstrução dos lugares e dos papéis da mulher quilombola santarena, que se revela em um processo de dupla resistência: a de raça e a de gênero dentro das Comunidades e da Federação Quilombola, por meio da solidariedade entre as mulheres, que protagonizaram mobilizações para ampliação dos padrões de reconhecimento, essas mulheres estão presentes na luta do Movimento Quilombola, e destacam ainda a importância da mulher no processo de construção de identidade de um povo, assim como os diferentes modos de integração do seu papel no seio das comunidades, sendo que essas afro-amazônidas devem estar sempre inseridas na luta por melhores condições de existência e reconhecimento. Nesse sentido, é importante lançar mão de um olhar feminista sobre a produção das mulheres por meio da percepção da condição de desigualdade a que as mulheres estão submetidas e na valorização do trabalho das mulheres. Por meio de reflexões sobre a necessidade de uma epistemologia feminista para desconstrução da visão capitalista sobre a produção agrícola.

Conclusões

O projeto tem demonstrado relevância para as mulheres da comunidade e para região de Santarém onde muitas comunidades tradicionais buscam produzir seus alimentos, mas tem dificuldade em ter acesso às políticas públicas voltadas para essa área e pouca assistência técnica, sendo que em grande parte são as mulheres que estão à frente da produção ou ajudando seus companheiros a produzir. Além disso, o projeto vem contribuindo para o diálogo entre a universidade e as mulheres quilombolas. Para as discentes de graduação e mestrado o projeto vem permitindo conhecer e vivenciar as dificuldades que essas mulheres enfrentam, e como constroem estratégias de fortalecimento diante de uma sociedade machista, e o projeto também contribui no empoderamento dessas mulheres, estimulando para que as mesmas deem continuidade nos trabalhos que desenvolvem.

Agradecimentos

Às mulheres quilombolas de Murumurutuba, à Federação das Organizações Quilombolas de Santarém e Associação Quilombola de Murumurutuba. À Ufopa



pela concessão das bolsas de pesquisa e extensão e ao Programa de Pós-graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida pelo apoio para realização das atividades.

Referências bibliográficas

ALVES, Anne C. F.; SOUSA, Renata P. B. de. Comunidades Quilombolas de Santarém: a força feminina. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**. v. 5, n. 1, p. 95-118, 2019.

ALVES, Luciana M. et al. **Caderneta agroecológica e os quintais: sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil**. Minas Gerais: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018, 100 p.

CAPOLIN, Adalgiza I. **Abordagens qualitativas na pesquisa em Agricultura Familiar**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2005, 22p. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/81122/1/DOC80.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2022.

CARDOSO, Elisabeth. et al. **Guia metodológico da caderneta agroecológica**. Recife: FIDA, 2019. 38p.

CARDOSO, Elisabeth M.; SCHOTTZ, Vanessa. Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil. **Revista Agriculturas**, v. 6, n. 4, dez. 2009.

DAMO, Andreisa; MOURA, Danieli V.; CRUZ, Ricardo G. **Conscientização em Paulo Freire: consciência, transformação e liberdade**. Congressos Internacionais: Contribuciones a las Ciencias Sociales, Enero, 2011. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccscs/11/dmc.pdf>. Acesso em: 23 de junho de 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, 102p.

FUNES, Eurípedes A. Nasci nas matas nunca tive senhor: histórias e memórias dos mocambos do baixo Amazonas. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**. v. 6, n. 1, p. 137–142, 2006. DOI: <https://doi.org/10.20396/resgate.v6i7.8645536>

HENN, Iara A. Agroecologia e relações de gênero em projeto societário. In: NEVES, Delma P.; MEDEIROS, Leonilde S. **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, p.65-88, 2013.

MOREIRA, Juliana G.; BÉCKER, Cláudio Implantação de um Sistema Participativo de Certificação Orgânica pelos assentados da reforma agrária: o caso da OCS Cerro dos Munhoz em Santana do Livramento (RS). **ACTA Geográfica**, v. 12, n. 28, p. 1-16, 2018.

VIEIRA, Norma; SIQUEIRA, Deis E.; EVER, Marcela; GOMES, Maria. Divisão sexual do trabalho e relações de gênero em contexto estuarino-costeiro Amazônico. **Amazônica – Revista de Antropologia**, v. 5, n. 3. Especial, p. 806-835, 2013.